

A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO CRISTO: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DIDÁTICA DE JESUS A PARTIR DE SUAS PARÁBOLAS E DA PEDAGOGIA FREIREANA

Diogo Vercelino da Hora ¹

RESUMO

Este artigo procura identificar um perfil pedagógico do ministério de Jesus Cristo a partir da análise didática de suas parábolas, à luz da pedagogia de Paulo Freire. Considerando o esforço sem muito resultado dos estudiosos em tentar entender por que Jesus usou parábolas, aborda-se aqui as parábolas de Jesus questionando como Cristo as usou. O caráter mnemônico das parábolas e o uso da memória no ensino de Jesus resultando na educação cristã dos primeiros séculos permitem delinear alguns dos valores educacionais que Jesus se utilizou ao aplicar as parábolas como método de ensino. Isso como um convite à reavaliação da prática educativa da igreja cristã.

Palavras-chave: Parábolas de Jesus, memória, Paulo Freire, educação cristã.

ABSTRACT

This paper tries to identify a pedagogic profile of the ministry of Jesus Christ through a didactical analysis of his parables. Considering the academic's efforts, apparently worthless, to discover the reason why Jesus spoke through parables, here we approach Jesus parables asking how he used it. The parables mnemonic aspects and the application of the memory in Jesus teachings resulting on the Christian education of the first centuries allow to delineate some of the educational values that Jesus used while applying the parables as teaching methods. All that put as an invitation to reevaluate the educative practice of the Christian church.

Keywords: Jesus parables, memory, Paulo Freire, Christian education.

INTRODUÇÃO

A começar pelos discípulos de Jesus, que tentando entender o significado do que dissera, até os acadêmicos contemporâneos, as parábolas têm sido objeto de análise, estudo e mesmo curiosidade por toda a história do cristianismo desde que foram pronunciadas pela boca do Cristo. A questão que sempre se perguntou foi qual é a melhor forma de se entender as parábolas. Teria Jesus as usado para ocultar seu ensino dos opositores (Mc 4.10-12) ou para esclarecer e ilustrar seus ensinamentos (Mc 4.33)? Seriam elas alegorias genuínas e de livre aplicação, como foi desde a Idade Média, ou teriam apenas um ponto central, como defendeu Jülicher no fim do século 19 d.C.? Diante de tantas questões, análises e estudos, a conclusão de Klyne Snodgrass ao dizer que “um tremendo esforço tem sido gasto tentando distinguir parábolas de alegoria, mas no fim temos que admitir que este esforço é um fracasso completo, apesar dos galões de tinta gastos” (apud BLOMBERG, 2012, p.54), coloca as parábolas de Jesus como um desafio frustrante na busca de conhecer melhor o Cristo.

Fato é que, se a questão inicial deixa de ser como entender as parábolas de Jesus e passa a ser como Jesus as utilizou, a frustração parece dar lugar a novas possibilidades de análise, contando com evidências textuais e históricas mais sólidas. As parábolas de Jesus, enquanto recurso pedagógico usado para ensinar algo que os discípulos não estavam prontos a aprender (Jo 16.12) trazem à questão um elemento fundamental para a história do cristianismo: a memória.

Tanto os elementos gramaticais, semânticos e interpretativos, bem como as marcas de oralidade das parábolas compõe um forte caráter mnemônico aplicado ao ensino, herança do povo hebreu que é, segundo Jacques Le Goff (2012, p. 425), “o povo da memória por excelência”. Le Goff, em uma perspectiva histórica, aponta que o cristão era chamado a viver pela rememoração das palavras de Jesus (At 20.35; 2Tm 2.8), uma vez que “o ensino cristão é memória, o culto cristão é comemoração” (LE GOFF, 2012, p.426).

Diante de discípulos incapazes de aprender o que havia de ser ensinado e o curto tempo que estaria presente junto a eles, o uso da memória como recurso didático de Jesus se mostra como uma verdadeira proposta pedagógica de Jesus, a fim de retroalimentar a ação instrutora do Espírito Santo, caracterizada pelo ensino e pela lembrança (Jo. 15.26). Assim, a memória, estimulada especialmente pelo caráter mnemônico das parábolas de Jesus, tinha um papel fundamental aos cristãos nos primeiros séculos do cristianismo.

Ao analisar as potencialidades didáticas das parábolas e seu uso pelos primeiros cristãos, é possível reconhecer, como Le Goff diz, que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2012, p.455).

O uso da memória, demonstrado através das parábolas, se constituiu uma prática educativa necessária à formação dos primeiros cristãos. Isto se deu, sobretudo, por meio da consolidação da memória coletiva entre os seguidores de Jesus que, ao longo de cerca de trezentos anos, consolidaram essa memória pela escrita de textos inspirados até serem reunidos no que se tornou o cânon do Novo Testamento. Este processo, resalta Le Goff, é não somente uma conquista, mas também um instrumento de poder, uma vez que permite a dominação da tradição e da recordação, limitando a manifestação da memória (LE GOFF, 2012, p.456).

Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória*, traça uma história do uso e transformação da memória e constata que, neste longo processo, o homem foi conduzido progressivamente a exteriorizar faculdades cada vez mais elevadas, dentre elas a memória (LE GOFF, 2012, p.449). O distanciamento do Evangelho da memória dos cristãos repete esta história escrita por Le Goff, algo que pode ser observado na forma como os cristãos enxergaram as parábolas, um dos principais recursos de manutenção da memória e utilizadas pelo próprio Cristo.

Assim, é válido aqui revisitar as parábolas a partir de uma perspectiva pedagógica e ressaltar nelas seus aspectos práticos, conforme aparecem em sua utilização por Jesus.

Parábolas como meios de diálogo

Claiton Kunz (2007, p.54), ao analisar as ações parabólicas de Jesus, diz que “as parábolas de Jesus sempre deixavam o interlocutor pensativo, evocando uma resposta sua”. Jesus usava as parábolas como alternativas ao ensino expositivo, sobretudo pela valorização do diálogo. Tanto é que, como nota Bailey, ao analisar as respostas de Jesus ao ser questionado, afirma que, “ao invés da declaração abstrata seguida de uma ilustração elucidadora, temos uma confrontação dramática, expressa com brevidade em termos inesquecíveis” (1995, p.14).

Jesus desenvolveu seu ensino por meio das parábolas como situações geradoras de diálogo, uma vez que “a parábola, na sua inteireza, apresenta-se como uma pergunta a qual o ouvinte é convidado a responder. O parabolista não quer impor de forma alguma a sua autoridade; apenas pede a opinião dos ouvintes” (DUPONT, 1985, p.18). Diferente do que se costuma entender do uso das parábolas, apesar terem sido utilizadas em situações de tensões, não tinham o intento de constranger, mas de criar o clima respeitoso. Paulo Freire define tal clima respeitoso em seu livro *Pedagogia da autonomia* (2011, p.90) como aquele “que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autenticando o caráter formador do espaço pedagógico”.

As parábolas se mostram extremamente eficazes para uma proposta pedagógica do Cristo na medida em que leva em conta a natureza dos ouvintes e a natureza do interlocutor, isto é, Jesus. Se por um lado elas abrem diálogo, respeitando os ouvintes, por outro não deixam de inserir um conteúdo explicativo e esclarecedor acerca de certos assuntos relevantes aos seus ouvintes. Isto pode ser visto em trechos dos evangelhos como Lucas 18.1.

Como Freire afirma,

a dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve (FREIRE, 2011, p.83).

As parábolas se mostram um instrumento pedagógico ideal que valoriza a sabedoria do Deus encarnado sem menosprezar a potencialidade dos ouvintes humanos, de forma que Jesus as utilizava “como um meio de diálogo com os interlocutores”, diz Dupont (1985, p.5), “para levar a uma nova visão das coisas, esforçando-se por persuadi-los a partir de uma experiência vivida”.

O uso das parábolas como meio de diálogo se mostra próprio a uma proposta pedagógica do Cristo, não só em sua eficácia, mas também pela natureza de Jesus. Neste sentido aponta Freire (FREIRE, 2011, p. 110): “só há diálogo se há um profundo amor ao mundo e aos homens”, assim como é necessário que haja uma intensa fé nos homens, “na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (FREIRE, 2011, p.112).

Parábolas surgem do contexto dos ouvintes

Freire define diálogo como “este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2011, p.109). Segundo ele, não é possível exercer uma educação autêntica pelo diálogo se este não for mediatizado pelo mundo, pois é este que impressiona e desafia os seres humanos, gerando pontos de vista diferentes sobre ele (FREIRE, 2011, p.116).

Dupont contabiliza vinte e duas parábolas dos evangelhos que começam com uma interrogação, convidando os ouvintes a responder. Mas estas respostas não surgem pela “imposição de uma argumentação lógica ou de razões que se apoiam na autoridade”, mas da “experiência vivida e da sabedoria concreta de seu ambiente” (DUPONT apud SILVA, 2006, p.101). Os diálogos das parábolas de Jesus só funcionavam porque eram enraizados na vida de seus primeiros ouvintes (DUPONT, 1985, p.20).

Roy B. Zuck define parábola como “uma história baseada em fatos do cotidiano com o objetivo de ilustrar ou aclarar uma verdade” (ZUCK, 1994, p.225) e Brian Stiller define o propósito das parábolas como “informar, ao descrever alguma forma de realidade, e afetar, ao providenciar uma imagem” (STILLER, 2005, p.9). As parábolas de Jesus, apesar de descreverem a realidade do reino de Deus, eram terrenas, diretamente ligadas às histórias comuns de seu tempo. É das imagens comuns do cotidiano dos ouvintes, como moedas, ovelhas, vinhas, pássaros, semente de mostarda, administrador infiel, casamentos e hospitalidade, que Jesus tira lições de ética surpreendentes e verdades do reino (STILLER, 2005, p.16).

Não apenas do contexto cotidiano dos ouvintes é que Jesus tirava seus ensinamentos para as parábolas. Ele também o tirava da cultura judaica de sua época. Como Blomberg (2012, p.98) ressalta, “as similaridades entre partes das parábolas e várias passagens das escrituras hebraicas, junto com certos contos populares bem conhecidos na Palestina do primeiro século, fazem parecer que Jesus usou história e temas já existentes ao compor algumas das parábolas”.

Alguns exemplos demonstram como a proposta pedagógica de Jesus por meio das parábolas tem suas raízes no contexto cultural e cotidiano de seus ouvintes, como a parábola do Grande Banquete (Mt 22.1-14; Lc 14.15-24), que vem sendo lida à luz de Deuteronômio 10.5-8 (BLOMBERG, 2012, p.98); a do rico e Lázaro (Lc 16.14-31), que se assemelha a várias versões de

contos populares famosos no Egito e na Palestina e encontrados por Hugo Gressmann, apresentando apenas destinos inversos para os personagens (BLOMBERG, 2012, p.99-100); e a da figueira (Mt 24.32-33; Mc 13.28-32; Lc 21.29-33), sendo que no Antigo Testamento a figueira é muito utilizada como símbolo para Israel e tanto seu frutificar com sua esterilidade tinham significados bem estabelecidos na mente dos ouvintes (KUNZ, 2007, p.74).

Segundo Francisco C. Weffort (apud FREIRE, 1967, p.5), “Todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”, mas o uso das parábolas por Jesus mostra que esta intimidade não precisa ser necessariamente uma verossimilhança absoluta. Como Dupont comenta, Jesus não contraria a experiência dos ouvintes, mas para instigar a interação e a resposta dos ouvintes, se apropria do incomum e do inusitado (DUPONT, 1985, p.17). Em última instância, Jesus já fazia o que Freire disse: “o que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (FREIRE, 2011, p.120).

Em última instância, o vínculo das parábolas de Jesus com o contexto dos ouvintes faz delas um método de ensino universal e totalmente coerente na proposta pedagógica do Cristo, uma vez que elas não exigem conhecimento prévio dos ouvintes. Isto é difícil de compreender vinte séculos depois do momento em que as parábolas foram contadas, mas estudos como os de Kenneth Bailey mostram que elas falam diretamente a um conhecimento não oficial. Os ouvintes não necessitam de um “arsenal de informações para entender cada personagem ou trama”, uma vez que “os personagens e experiências do dia a dia são o que os residentes da Palestina praticantes da cultura judaica mais facilmente poderiam entender” (STILLER, 2005, p.16).

Parábolas levam a ser mais

Jacques Dupont, em seu livro O método das parábolas de Jesus hoje (1985), ressalta outro caráter pedagógico das parábolas de Jesus. Para ele, Jesus faz das parábolas um meio de ação, pelo qual seus destinatários são levados a uma nova visão das coisas, mostrando a possibilidade de uma nova atitude a ser aceita ou rejeitada (DUPONT, 1985, p.27), isto é, Jesus leva seus ouvintes a exercitar o que Paulo Freire chama de “vocação ontológica e histórica de ser mais” (FREIRE, 2011, p.72).

Dupont entende que o que interessa a Jesus é fazer seus ouvintes compreenderem que o Reino vem, como vem e o que se deve fazer para entrar nele (DUPONT, 1985, p.32). O ensino do Reino que Jesus traz exige não apenas uma nova perspectiva, mas também uma série de novas atitudes. Para tanto, os interlocutores de Jesus “não podem permanecer como meros espectadores passivos”, diz Dupont (1985, p.21), “eles têm um papel a desempenhar, um consentimento a dar, uma posição a assumir”.

Se este é o intuito de Jesus, as parábolas são ferramentas didáticas ideais, pois, como diz Paulo Freire em sua *Pedagogia do oprimido* (2011), “esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (p.105) e que “diálogo é o encontro dos homens para ser mais” (p.114). Ou seja, uma vez que as parábolas de Jesus levam a um diálogo e interação plena com os interlocutores ao partir do contexto de vida deles, elas se mostram plenamente adequadas para este objetivo de levar os ouvintes a ser mais.

Isto acontece pelas duas vias já comentadas: uma nova perspectiva e uma nova atitude a ser apropriada pelos ouvintes das parábolas. Com relação à nova perspectiva, Dupont (1985, p. 35) diz que Jesus “ensina a seus ouvintes a abrir os olhos e a olhar”, com o convite que as parábolas frequentemente fazem aos interlocutores, permitindo-lhes “descobrir a possibilidade de outra maneira de ver, mais exata do que aquela que resulta de um olhar superficial” (DUPONT, 1985, p.36).

Dupont pontua também que os ouvintes de Jesus partem deste novo modo de ver as situações cotidianas pelas parábolas para então descobrir por si próprios que esta outra forma de ver é possível e preferível (DUPONT, 1985, p.31). Este desenrolar das parábolas, levando os ouvintes a desfrutar de sua vocação de ser mais, lhes propicia uma mudança na profundidade de compreensão da realidade. Esta “mudança em profundidade que elas [as parábolas] querem provocar”, diz Dupont (1985, p.37), “não seria verdadeira se não traduzissem em atos, se não transformassem a vida”.

A nova perspectiva e novas atitudes contempladas pelos ouvintes das parábolas tem a liberdade de se apropriar ou não delas, uma vez que todo o ensino, como já foi argumentado, é construído sobre o diálogo, respeito e amor pelas pessoas. “A liberdade para a decisão e a ausência de dogmatismo é que fará com que o ouvinte possa tecer sua própria interrogação sobre a realidade. É certo que com ela surge o conflito; contudo, também brota o processo de conscientização” (SILVA, 2006, p.102).

Parábolas como ferramentas adequadas ao ensino de Deus

A sabedoria do Cristo, do Deus encarnado, o amor pelas pessoas, a fé na capacidade dos seres humanos em ser mais, enfim, o próprio caráter de Jesus se espelha na opção pedagógica do uso das parábolas como forma de ensino. É justamente esta combinação que aperfeiçoa os inúmeros valores educacionais que o gênero parabólico traz em si:

O gênero parabólico, desperta e aguça a imaginação, o sentido artístico, a capacidade de relacionar entre si ideias, sonhos e vida, a agilidade mental, a capacidade de síntese e de análise, o sentido lúdico e teatral da vida. É sempre uma fonte de diálogo. Aproxima da verdade mais clara, algumas vezes menos pungente e outras, mais vivas. Exibe-a com roupagens atraentes e provocantes. A parábola é, simultaneamente, verdade e fantasia, realidade e imaginação. Aproxima os homens da natureza e os irmana (FRANCIA, 1992, p.9).

Kunz ressalta que o uso que Jesus fez das parábolas não tinha apenas o propósito de levar seus ouvintes a uma percepção nova e mais profunda, mas também à uma respostas decisiva de arrependimento, fé, esperança e amor (KUNZ, 2007, p.23-24). As parábolas, em sua eficácia didática dentro da proposta pedagógica do Cristo são apenas um elemento para a transformação do ser humano e sua história. Como Paulo Freire (1967, p.59) diz, “existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico”.

Em resumo, “as parábolas revelam um ato pedagógico mediado pelo diálogo que aponta para um olhar a realidade a partir das comparações que são sugeridas” (SILVA, 2006, p.103) e “sua genialidade está na habilidade de desarmar o ouvinte e persuadi-lo, pegando-o de surpresa” (STILLER, 2005, p.9). Através delas, Jesus fez com que seus ouvintes fossem ativos em seu processo de aprendizagem, tornando-os realmente educandos, conforme define Paulo Freire (2011b, p.165), “quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos”.

Por meio das parábolas, Jesus não foi negligente com a dimensão de um ensino divino, ao mesmo tempo em que respeitou a autonomia e dignidade de cada um de seus ouvintes. A partir de Paulo Freire, a pedagogia humana entendeu que:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento é ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2011, p.105).

É de se esperar, considerando o caráter divino do Cristo, que a proposta pedagógica realizada nas parábolas tenha um aproveitamento muito maior das capacidades de ensino e aprendizagem dos seres humanos. Este mesmo caráter faz das parábolas uma ferramenta de ensino própria para todas as gerações. Stiller (2005, p.30) entende que “a forma parabólica foi uma ferramenta poderosa para comunicar a mensagem de Jesus a qualquer cultura e povo” e que hoje esta adequação aumentou ainda mais, pois “a mente pós-moderna é notavelmente aberta para esta forma de pensar sobre a vida. Isso, por fim, é pregação bíblica, mesmo que os ouvintes não pensem dessa forma”.

As parábolas enquanto proposta pedagógica do Cristo podem ser resumidas conforme as palavras de Stiller:

Em suas parábolas, Jesus não deixava ninguém permanecer neutro: as pessoas eram forçadas a responder seu chamado de se juntar a ele em seu novo reino. Parábolas foram o meio de Jesus quebrar as mentes resistentes com percepções que atordoam seus ouvintes, não apenas com a surpresa e reviravolta, mas também com uma sabedoria chocante. Apesar de seu conteúdo, aqueles que não ouviram o que esperavam se recusaram a ouvir o que ele estava dizendo. Para entender as parábolas deve-se trabalhar nelas e se não o fizer, você acaba não as entendendo. Pedagogicamente, no processo de aprendizagem, move-se de um nível de entendimento para um nível maior de dificuldade apenas quando se dominam os níveis mais elementares. Estes ouvintes de Jesus – naquela época e hoje – vão para as percepções mais difíceis de seu reino apenas quando eles aprenderem o que é primário (STILLER, 2005, p.15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que saíram da boca de Jesus Cristo, as parábolas vêm cumprindo seu propósito. Seu caráter mnemônico as manteve na memória até que os ouvintes as pudessem compreender, sendo instrumento de formulação da memória coletiva cristã, que, por sua vez, culminaria no cânon do Novo Testamento, afirmado em meados do século 4 d.C. As parábolas de Jesus se conformam como uma verdadeira proposta pedagógica do Cristo para superar as limitações da realidade de seus ouvintes, levando-os a se

apropriar daquele conhecimento inédito sobre o reino de Deus por meio da memória pessoal e coletiva.

Enquanto parte de uma proposta pedagógica, a análise à luz da pedagogia de Paulo Freire e das conclusões de teólogos mais despertados aos efeitos das parábolas e não apenas aos seus conteúdos, mostram que a proposta pedagógica do Cristo em nada perde para uma perspectiva humana e humanitária de ensino. Jesus Cristo se apropriou do diálogo, partiu do contexto de seus ouvintes e esforçou-se para que seus interlocutores subissem ao menos um degrau no conhecimento da realidade do reino de Deus por meio de suas parábolas.

Tais características da pedagogia do Cristo apontam para uma necessidade urgente de retorno aos valores educacionais que Jesus utilizou para reavaliar as iniciativas educacionais que a igreja contemporânea realiza. Se Jesus ensinou conforme a sua natureza e se a natureza da igreja é o próprio Senhor e Salvador Jesus Cristo, está a igreja refletindo sua natureza ao ensinar o mundo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, Kenneth E. As parábolas de Lucas: a poesia e o camponês: uma análise literário-cultural. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BLOMBERG, Craig L. Interpreting the Parables - second edition. Downers Grove: InterVarsity Press, 2012.
- DUPONT, Jacques. O método das parábolas de Jesus hoje. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- FRANCIA, Alfonso. Educar com parábolas. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KUNZ, Claiton André. Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SILVA, Darci Donizetti da. A pedagogia das parábolas de Jesus: uma leitura do método freireano. 2006. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3437
- STILLER, Brian. Preaching parables to postmoderns. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- ZUCK, Roy B. A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

¹ Esse artigo é uma adaptação de um dos capítulos do trabalho de conclusão de curso de bacharel em Teologia apresentado pelo mesmo autor à Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

² Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo.